**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES.
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GREDTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO
EDUCACIONAL.**

9,5

**A POSTURA DO GESTOR DIANTE DA INTEGRAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: UMA
RELAÇÃO POSITIVA PARA O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM**

ALEXANDRA KLAUSS

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

VILHENA/2008

**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES.
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GREDTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO
EDUCACIONAL.**

**A POSTURA DO GESTOR DIANTE DA INTEGRAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: UMA
RELAÇÃO POSITIVA PARA O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM**

ALEXANDRA KLAUSS

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

“Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Especialista em: Gestão, Supervisão e Orientação Educacional”.

VILHENA/2008

**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES.
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GREDTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO
EDUCACIONAL.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ilso Fernandes do Carmo
Orientador

À família que me ensinou valores inestimáveis. E, em especial a meu especial ao meu esposo pela confiança dedicada a mim, por me ajudar nos momentos difíceis e entender a minha ausência.

*A Deus, meu auxílio nas horas difíceis.
A todos os mestres que contribuíram para o meu crescimento, especialmente, o orientador.
Aos colegas pelos momentos partilhados juntos.*

“Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso. Aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não te dá o direito de ser cruel.

William Shakespeare

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise da relação família e escola como fator fundamental para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que com as rápidas transformações sociais e com as difíceis condições de sustentabilidade, muitos pais foram obrigados a dobrar sua jornada de trabalho, caracterizando-se assim, ausentes da vida escolar de seus filhos. Nesse contexto, a escola teve que assumir a educação formal e informal, trabalhar valores, afetividade, e outros que direta ou indiretamente, permeiam as atividades educativas, contudo, todas as funções educacionais, acabam sufocando as instituições de ensino, impedindo-a de sua função instrucional. A distância entre pais e escola marcou decisivamente a vida dos educandos, os mesmos apresentam agressividade, indisciplina, desmotivação, desinteresse, auto-estima baixa, carência afetiva, impedindo-os de apropriar-se de conteúdos necessários a sua formação plena e a construir conhecimentos a partir do que já sabem. Entendem-se desta forma que escola e família não terão sucesso se não aprenderem a se auxiliar mutuamente, integrando a realidade escolar e o cotidiano familiar do educando, pois este contato favorece e contribui para a evolução do aluno, fazendo com que este se motive a participar das atividades propostas e colabore com as metas educacionais de sua vida. Sendo assim, o diretor escolar deve procurar caminhos para que se estabeleça uma relação mais efetiva entre a família e a escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - ALGUMAS COSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS	12
1.1. Conceituando educação.....	12
1.2. A educação formal e o papel da escola na formação do indivíduo.....	14
1.3. A educação informal.....	27
1.4. Fatores que interferem no padrão familiar	20
1.4.1. Estruturais.....	20
1.4.2. Psicológicos.....	23
CAPÍTULO II – O DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS/EDUCANDOS	27
2.1. Problemas acarretados pela ausência de participação da família na aprendizagem dos filhos.....	27
2.2. A participação dos filhos e o desempenho escolar dos filhos.....	30
CAPÍTULO III – ALTERNATIVAS PARA QUE O DIRETOR ESTABELEÇA UMA RELAÇÃO MAIS EFETIVA ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA	34
3.1. O novo papel do diretor escolar.....	34
3.2. Alternativas para que a direção da escola aumente a participação da família na vida escolar dos educandos.....	36
3.2.1. Grupo de formação de pais.....	39
3.2.2. Associação de pais e mestres (APM).....	40
3.2.3. O conselho escolar (CE).....	41

3.2.4. Reunião de pais.....42

3.2.5. Escola aberta à comunidade..... 44

CONCLUSÃO..... 46

REFERÊNCIAS..... 50

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo verificar a contribuição do diretor diante da interação família-escola no processo ensino-aprendizagem, levando-se em consideração que no atual contexto social a participação da família na vida escolar dos filhos é indispensável ao bom desempenho escolar dos mesmos.

De acordo com CHALITA (2001), mas, para estabelecer um plano político pedagógico eficiente, há que se levarem em conta alguns elementos essenciais. É preciso que o diretor busque uma identidade para sua escola - sempre em harmonia com os princípios estabelecidos pelo sistema do qual faz parte. Uma unidade escolar que eduque na adversidade, que atue firmemente na eliminação do preconceito ou da discriminação, que privilegie o papel protagonista do aluno, que possibilite oportunidades de capacitação docente.

Dentre as inúmeras preocupações que afligem as famílias hoje, a de propiciar uma educação aos filhos talvez seja a mais perseguida pelos pais, porém, a forma como inúmeras famílias vêm a educação conduz a uma grande probabilidade de insucessos. Haja vista, muitos pais encararem a educação como uma via unilateral e se eximirem de qualquer compromisso além do financeiro, acarretando efeitos irreversíveis, na formação intelectual e do caráter de seus filhos.

A distância entre a família e a escola marca decisivamente a vida dos educandos, os mesmos apresentam agressividade, indisciplina, desmotivação, desinteresse, auto-estima baixa, carência afetiva. A família espera que a escola se

responsabilize pela formação afetiva e psicológica, além da intelectual de seus filhos. Nesse contexto, a escola assume a educação formal e informal dos educandos.

Independente do modelo de família que os educandos convivem, eles sempre carregam consigo uma bagagem muito grande de informações, incertezas, medos, planos, aspectos que não podem deixar de ser observados pelos educadores, e principalmente pelos pais. O jovem precisa mais do que bens materiais. De muito mais valia seria para os educandos, os pais acompanharem seu rendimento escolar e participar das atividades dentro da escola, certamente isso não é fácil, porém, é fundamental que haja uma maior interação, envolvendo pais, mestres, alunos e gestor. Pois, a escola acaba atribuindo às famílias as responsabilidades pelos problemas enfrentados pelos alunos, desde dificuldades de relacionamento até problemas de aprendizagem, deixando de lado seu papel principal: o de ensinar. É necessário que os profissionais em educação, evitem fazer julgamentos ao suposto desinteresse dos pais com relação aos filhos e a escola.

Os educadores terão suas ações facilitadas caso exista um canal de comunicação com a família dos educandos. Assim, sendo, compatibilizam-se as propostas educacionais com a realidade de cada educando, à medida que o educador tem acesso a informações que só a família do educando poderia fornecer, bem como a prática de atividades extracurriculares poderá possibilitar uma troca recíproca de saberes. Além disso, estará se ensinando ao educando como ser alguém produtivo dentro da sociedade em que vive e desenvolvendo seu senso crítico.

Os pais podem ter horários de trabalho incompatíveis com os horários de reuniões, muitas vezes, nem podem levar ou buscar seus filhos na escola. Tais problemas se agravam nas famílias mais pobres. Participar de reuniões bimestrais para recebimento de notas é um contato insignificante entre pais e educadores, tais reuniões só burocráticas, mecânicas e nenhum pai gosta de ouvir reclamações de seus filhos, por isso, é necessário haver mais cumplicidade entre família e escola, já que ambas procuram o mesmo objetivo. Os pais não podem somente ouvir, eles devem falar, participar ativamente dos rumos tomados quanto a educação de seus filhos, integrar ações coletivas que englobem pais, educadores, alunos, comunidades, planejando e agindo em prol da educação de seus filhos.

Pretende-se que os educadores venham a perceber a importância de se ter o auxílio dos pais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos educandos bem como para o desenvolvimento da escola dentro da comunidade, pois se percebe a dificuldade de pais, educadores e gestores trabalharem em conjunto a favor dos educandos.

Com base no contexto exposto, é indispensável que se busquem soluções que não tragam consigo uma postura parcial de pais ou educadores, que acabam acusando-se um ao outro de omissão no processo ensino-aprendizagem, mas que sejam frutos de uma interação família-escola no sentido de favorecer o educando nesse processo.

Tendo em vista, a importância do papel da direção como promotora da participação de seus usuários e também como grande autoridade que é tida o diretor no ensino público, é indispensável que este estabeleça formas de interação família-escola que venham a favorecer o processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o trabalho se encontra estruturado em três capítulos, mais a conclusão e as referências consultadas para a elaboração do trabalho, sendo que, o primeiro capítulo fará uma abordagem sobre o papel da família na educação dos filhos, enfatizando sua importância para o desenvolvimento integral e harmonioso dos educandos. No segundo capítulo são apresentados os problemas decorrentes da ausência da família na educação dos filhos, e no terceiro capítulo são apresentadas alternativas para que o diretor efetive uma relação mais produtiva entre família e escola.

CAPÍTULO I – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

1.1 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO

A educação se dá em vários lugares em casa, na rua, na igreja ou na escola. E, todos nós dedicamos parte de nossas vidas a ela, mesmo que não seja na escola, estamos sempre aprendendo para saber, para fazer, para conviver. Percebe-se que não há um único modelo ou forma de educação, que a escola não é o único local onde ela se dá e o professor não é o único que pode transmiti-la.

A educação familiar e da comunidade se dá sem livros, sem classes de alunos e sem professores especializados, mas nem por isso deixa de ter a sua importância.

A educação é uma forma de transmitir as crenças, os valores e as idéias as gerações mais jovens. São maneiras que as pessoas criam para tornar comum aquilo que faz parte de sua comunidade. Além da transmissão dos saberes acumulados. Nota-se que a educação existe mesmo onde não há escolas e se dá através da transmissão de saberes de geração a geração. BRANDÃO (2001, p.13) afirma que:

“A educação existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferências de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi se quer criada a sombra de um modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios

através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.”

O homem aprendeu a transformar sua cultura em educação através de troca de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. As pessoas convivem entre si e o aprendizado ocorre através da observação, pelo fazer e a troca de experiências.

Antigamente, antes da escola, a educação das crianças se dava através das relações dela com a natureza norteadas pela presença de um adulto. A criança via, entendia, imitava e aprendia fazendo. As meninas aprendiam com as companheiras de idade, com as mães, as tias, as avós, as irmãs mais velhas. Os meninos aprendiam com os companheiros de idade, com os pais, os tios, os avós e os guerreiros. E, normalmente, partia deles o interesse em procurar alguém que lhes ensinasse algo. A respeito disso BRANDÃO (2001, p. 20) fala que:

“O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem, fazem e imitam, são instruídos com exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar com o próprio exercício vivo do fazer.”

Entre os gregos sempre prevaleceu a idéia de que o saber transmitido pela educação se dava através de relações interpessoais físicas e afetivas. A educação grega começava de fato fora de casa, depois dos sete anos, quando a criança começava conviver com um mestre.

Durante muito tempo os meninos pobres da Grécia aprenderam fora da escola, nas oficinas, nas lavouras e nos campos de pastoreio. Os meninos ricos aprenderam inicialmente em acampamentos ou ao redor de velhos mestres. Apenas com a democratização do saber é que surge a escola aberta a qualquer menino livre da cidade.

Por volta do ano 600 a.C. é que surge a escola primária em Atenas. Nela um mestre-escola ensina as primeiras letras e contas. Mas, o menino escravo nem chegava a esta escola, o menino livre e plebeu geralmente não passava dela e

o menino livre e nobre passava por ela em busca dos lugares onde a educação grega o tornasse de fato o adulto educado, indo em direção da teoria para compreender e comandar. Havia na Grécia uma dualidade na educação: de um lado, a prática de ensinar para o trabalho; de outro, a de educar para a vida e o poder.

Em Roma, a criança começava aprender em casa, com os mais velhos, e o que aprendia era para preservar os valores do mundo de seus antepassados. Não havia qualquer preocupação com a pura formação física e intelectual. A educação dedicava-se ao trabalho com a terra e foi, durante séculos, a formação do homem para o trabalho e a vida.

Entre os romanos os primeiros educadores foram o pai e a mãe. A mulher tinha importante papel na educação dos filhos, embora na vida pública não pudesse participar, dentro das famílias estas possuíam muita autoridade e educavam os filhos até os sete anos. A partir desta idade passavam a ser educados pelo pai que formaria suas consciências segundo as crenças e valores da sociedade. Na educação romana o modelo ideal era o ancestral da família, depois o da comunidade.

Antes do século IV a.C. surge em Roma o ensino elementar de primeiras letras que era mantido pela iniciativa particular. Só depois do advento do Cristianismo, século IV d.C., é que surge a escola pública mantida pelos municípios.

Nos tempos de domínio de Augusto e Tibério, a criança, educada até os sete anos pelos pais, a partir desta idade aprendia as primeiras letras. Aos doze anos freqüentava a escola de *grammaticus* e, a partir dos dezesseis, a do *lector*. Esta é a estrutura de educação que herdamos e conservamos até hoje.

1.2 A EDUCAÇÃO FORMAL E O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Percebe-se que a escola precisa estar em sintonia com a comunidade, seu único fim é transmitir o saber e a cultura. Ela visa a participação da família e dos estudantes de todas as idades, sem preconceito de raça, cor ou religião.

A escola é um centro de qualidade que desenvolve um ensino significativo com rigor científico e pedagógico, capaz de ativar no aluno novas motivações de nível elevado, sendo capaz de oferecer respostas a elas. É um centro que integra a família no processo educativo.

É responsabilidade da escola fazer com que o aluno consiga aprimorar talentos, realizando-se na medida de suas possibilidades. A escola, como espaço de convivência, precisa criar alternativas para que o aluno se sinta bem, independentemente da sala de aula, só assim, vai se tornar cada vez mais necessária, porque é o espaço ideal para a inovação e transformação do conhecimento.

A escola está sendo vista pelos alunos como um local onde se encontram os amigos, se fazem novas amizades, se brinca, se namora, um local de relacionamentos pessoais, menos um local onde se estuda. Alguns pais têm uma visão distorcida do papel da escola: acreditam que ela seja o local onde seus filhos permanecem enquanto eles trabalham ou um local onde as mães os deixam para que elas possam descansar, para a casa permanecer arrumada, ou seja, deixar o filho com alguém para trabalhar ou para ter mais liberdade. Hoje, os alunos esperam tudo da escola, além do conhecimento, também alimentação, amor, carinho, atenção. A escola acaba assumindo a educação formal e informal dos educando, o professor além de professor torna-se pai, mãe, psicólogo, médico.

Os pais acreditam que a função da escola é preparar para uma vida melhor, mas nesta função está embutido o preparo para um bom emprego. Eles acreditam que a escola deve preparar para o trabalho, pois conseguir um bom emprego é garantia de uma vida melhor.

A escola está procurando trabalhar mais a questão social, pessoal e a formação moral do cidadão para conscientizá-lo da política e dos problemas sociais, deixando um pouco a parte de conhecimentos gerais. Mas isso é uma mudança que vem ocorrendo lentamente.

Os pais acreditam ser melhor o filho estar na escola e não aprender nada do que estar na rua. A escola passa a ser um local de resguardo dos perigos da rua, o que demonstra que os pais confiam na escola, se não como um local onde

se ensina os conteúdos, mas como local onde seus filhos estão protegidos. A respeito disso PARO (2000, p. 63) relata que:

“Esta confiança na escola como instituição é importante e ao mesmo tempo contraditória para os propósitos de uma participação maior dos pais e mães na escola que inclua a pretensão de atraí-los para procedimentos que levem seus filhos a valorização do saber e ao maior empenho nos estudos.”

A escola poderá orientar os pais sobre os estudos diários dos filhos, chamar a atenção da mãe para que estimule o filho a dar aula sobre o que, aprendeu, que o filho não deixe para estudar só na hora da prova e que não decore as questões mas aprenda-as.

A grande dificuldade enfrentada pela escola é quanto a participação dos pais nas reuniões. Há pais que querem participar dos rumos da escola, questionam alternativas, procuram soluções melhores, pensam e constroem juntos, são os que mais respeitam os professores. Outros recusam convites para ações conjuntas. Quando os pais são distantes da escola, deve partir dela a decisão de trazê-los a participar. Precisa-se trabalhar primeiro com os alunos, convencendo-os de importância da participação de seus pais, para que estes insistam em casa, motivando os pais a participarem. TIBA (1998, p. 164) afirma que: *“A escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem”*. No artigo 205 da Constituição Federal, o ordenamento estabelece:

“A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O artigo determina que a educação é direito de todos: ricos e pobres, negros e brancos, mulheres e homens, índios e filhos de estrangeiros, habitantes da cidade e do campo. Sendo atribuição do Estado e da família fazê-la valer. E a colaboração da sociedade assegura que o ensino seja compartilhado e que os projetos educacionais se desenvolvam de forma participativa.

Vários artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 – a LDB – demonstram a preocupação com uma educação mais abrangente que desenvolva a autonomia do aluno, o conceito do “aprender a aprender”, da aprendizagem continuada. Em um conceito de cidadania, a educação não é atributo apenas da escola, ela ocorre em todos os ambientes possíveis em

que se travam os processos de aprendizagem continuada. CHALITA (2001, p. 59) nos coloca que:

“A capacidade de ‘aprender a aprender’, a visão ampla do mundo, o saber pensar são desafios reais para a escola do século XXI. A escola do presente deve formar seres humanos com capacidade de entender e intervir no mundo em que vivem. Não meros expectadores, sujeitos sem ânimo e sem conhecimento crítico para enfrentar a revolução de valores, de técnicas, de meios que se deflagrou”.

Com as mudanças que ocorrem rapidamente em nossa sociedade também é necessário que a escola mude a sua metodologia para acompanhar essas transformações. Hoje, o conhecimento é entendido como um valor especial, mais até do que bens materiais. No passado, a maioria dos pais se preocupava em deixar terras, riquezas materiais como herança para os filhos. Hoje, muitos percebem que o melhor a oferecer é propiciar conhecimento, por meio de uma boa formação geral e maneiras de continuar adquirindo mais conhecimento, em um processo de educação continuada.

1.3 A EDUCAÇÃO INFORMAL E O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Cada encontro entre as pessoas acrescenta algo a educação: opiniões, dedicação e respeito, fortalecendo laços de amizade solidários, visando relacionamentos globais. Tantas influências diversas, vindas de pontos diferentes garantem ao indivíduo sua liberdade, porque, a respeito das contradições terá que escolher um caminho seguindo aquele que melhor lhe convenha, cedendo às seduições ou às pressões, mas sempre em consonância com sua própria personalidade.

As relações estabelecidas pelo indivíduo em sua infância são muito importantes para o desenvolvimento de suas habilidades, contribuindo nos relacionamentos interpessoais que serão estabelecidos em outras fases da vida inclusive na escola.

A vida familiar é o primeiro contato do cidadão com o mundo. O exemplo materno e paterno, a alimentação, os sons recebidos do mundo externo, os medos, as ambições, o aprendizado da linguagem. Esse processo continua por toda

a vida. Mesmo que as relações familiares mudem não há como negar que por toda vida se carrega a estrutura básica obtida na formação da infância, que se fundamenta na família. Em muitos casos essa convivência aprisiona, forma seres preconceituosos, medrosos. Em outros o ambiente proporciona harmonia e alegria. De qualquer forma são marcas que podem ser trabalhadas, evoluídas, mas acompanharão o indivíduo. De acordo com CHALITA (2001, p. 98):

“A falta de afeto, carinho, de participação dos pais na criação dos filhos pode deixar-lhes uma marca indelével que o tempo não apaga, e isso é muito mais triste do que todos os contratempos advindos de acidentes materiais.”

A família é a célula-mãe da sociedade. É nela que se prepara o cidadão para a vida e se forma o caráter dos indivíduos. Se a família for afetuosa, nem mesmo os conflitos de gerações irão destruir este ambiente saudável, desde que haja respeito, equilíbrio, serenidade e bom senso, não se invadindo o espaço do outro. Os filhos precisam ter confiança nos pais para dizerem a verdade e não serem castigados. Muitas vezes o medo de castigos leva os filhos a mentir. A família deve ser um porto seguro.

Por melhor que sejam os pais, por mais que se policiem, que se esforcem, nunca irão fazer tudo certo, nem criarão filhos perfeitos ou serão pais perfeitos. Isso porque os filhos são especialistas em saírem diferente daquilo que os pais planejam, porque cada um é um ser único. Os pais enxergam nos filhos suas próprias dificuldades e parece que os filhos escolhem justamente as dificuldades que mais afetam os pais.

Pode-se aprender muito com os filhos, o que exige dos pais muita humildade. Exige sair da posição de quem já sabe, já viveu, já é experiente e especialista. Essa aprendizagem é sempre uma troca: enquanto se aprende se ensina e vice-versa. Tudo que o filho precisa aprender o pai também precisa, e se já aprendeu pode melhorar. Conforme ROSSET (2003, p. 37):

“Desde que os filhos nascem eles estão sob a influencia dos nossos pensamentos, das nossas emoções, de tudo que temos consciência, mas também do que não temos consciência. Esses componentes passam para os filhos através do que é dito, mas também do que não é dito, do que é evitado, do que é escondido. A forma como as pessoas fazem e dizem são tão ou mais importantes do que os conteúdos que são explicados. O que se grava é a emoção do momento”

As famílias estão em constantes transformações, pelas suas características, e porque sempre teremos pessoas em fases diferentes, por isso ela é o espaço especial para as aprendizagens necessárias em cada etapa.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os pais devem dar exemplos positivos para que os filhos se espelhem, nos mesmos. A família que comete pequenos furtos, que é agressiva e que não se respeita mutuamente não é um bom exemplo de família para os filhos e não desenvolve neles a cumplicidade que deveria. Hoje as famílias devem dialogar com os filhos, explicar-lhe o porquê de determinadas atitudes para com eles, o que é certo e o que é errado. Tudo isso envolve diálogo. Conforme observa CHALITA (2001: 21):

“A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço. Se em outros tempos bastava um olhar severo para corrigir o comportamento, hoje se vive na era do ‘por quê’. E com razão. A família autoritária perpetua a sociedade autoritária. Faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediência e submissão, de cópia sem questionamento dos padrões estabelecidos. O indivíduo que somente aprende a obedecer não estará preparado para a sociedade complexa deste novo milênio. [...] De nada adianta a negativa seca sem explicação, sem diálogo. E menos adianta a omissão, sob desculpa esfarrapada de não despertar a curiosidade nos filhos”.

O artigo 2º da LDB, situado no Título II – Dos princípios e Fins da Educação Nacional, assim como o artigo 205 da Constituição Federal, coloca a educação como dever da família:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O educando passa maior tempo em casa, sendo assim a escola precisa voltar sua atenção para este ponto. O trabalho da escola seria facilitado se os educandos fossem para ela predispostos a estudar e se em casa a família fosse como um órgão estimulador de seu interesse, incentivando-o, mostrando-lhe a importância dos estudos para sua vida e até mesmo, inteirados do trabalho escolar, dar continuidade ao mesmo, pois muitos trabalhos realizados nas escolas são desfeitos na família devido a falta de esclarecimentos da escola.

Mesmo que os pais trabalhem fora, ninguém melhor do que eles para conhecer seus filhos e saber como estimulá-los. Mesmo que os pais não saibam ler, eles tem condições de estimular os filhos: o simples fato de olhar o caderno do filho

faz com que sua auto-estima cresça e ele se sinta muito capaz de realizar as atividades propostas pela escola. Mas, também a escola precisa preservar a auto-estima dos educandos, pois escola e família devem trabalhar em consonância, não adianta o pai estimular o filho e a escola fazer o trabalho inverso ou vice-versa.

Muitas vezes, o pai não pode ir até a escola mas pode incentivar o filho em casa; perguntando o que ele está fazendo na escola, olhando o caderno, conversando diariamente, mostrando interesse pelo estudo do filho, pois o educando deseja mostrar a alguém aquilo que realizou na escola e quando este alguém está na família é mais estimulante. E quando além de acompanhar o estudo do filho, os pais o elogiam, sua satisfação é ainda maior.

Para tornar os filhos bons estudantes é preciso que os pais vejam a escola como aliada e não como oponente, sendo favorável as suas decisões e apoiando-as; não criticando-a sem ouvi-la antes e o mesmo deve acontecer da parte da escola para com a família. Os pais não devem proteger os filhos das tarefas, pesquisas ou estudos que ele tenha para fazer, ao contrário, supervisionando o trabalho e o estudo do filho, orientando e explicando o que ele pergunta, não realizando a tarefa por ele, que está cumprindo o seu papel na formação do filho – cidadão.

Os pais devem incentivar os filhos com palavras e gestos de afeto, estímulo e compreensão, mesmo quando os resultados não forem os esperados; providenciar o necessário para que os filhos superem as dificuldades sem culpar de imediato os professores ou a escola.

1.4 FATORES QUE INTERFEREM NO PADRÃO FAMILIAR

1.4.1 ESTRUTURAIS

Existem vários entraves no cotidiano familiar, estes culminam na ausência dos pais na escola quando solicitados. Pode-se destacar: o clima familiar, o nível de renda, o grau de instrução dos pais e a possibilidade de acesso aos serviços urbanos, são fatores que geralmente associados repercutem diretamente sobre a capacidade e o tempo dos pais (sobretudo da mãe) dedicar, acompanhar e

valorizar a formação escolar dos filhos. Tais fatores interferem positivamente ou não na adaptação social e aprendizagem dos educandos.

O lar para a criança serve como orientação básica para o desenvolvimento da sua vida. É no lar que ela adquire os padrões morais e religiosos. O papel da escola é reforçar e questionar esta orientação para que a criança sinta-se segura diante destes questionamentos.

O educando tem chegado a escola despreparado para o processo ensino-aprendizagem muitas vezes por falha na educação familiar que deveria garantir a ele o poder de tomar decisões. Por essa razão, na escola ele não quer estudar e o professor terá dificuldade se não obtiver ajuda da família. E para que consiga integrar o aluno é necessário fazer um trabalho em que desperte o comprometimento responsável do educando e de sua família. Conforme afirma TIBA (1998:9) “O projeto de criar cidadãos deve ser compartilhado entre a escola, a família e a sociedade como um todo.”

Na geração dos atuais professores, as crianças só chegavam à escola aos 6, 7 anos de idade. As mães raramente trabalhavam fora e os pais, mesmo que trabalhassem fora, permaneciam maior tempo com a família. Portanto, a criança tinha muita convivência familiar e a escola cumpria a sua parte: a educação formal.

Hoje, a mãe trabalha fora, ausentando-se de casa por muitas horas. O pai tem menos tempo para dedicar a família devido a competitividade no mercado de trabalho. As crianças não tendo com quem ficar, pois a grande família também se desfez, estão sendo colocadas em escolas a partir dos dois anos de idade, quando deveriam estar vivendo o processo de socialização familiar. As crianças não estão indo à escola somente para serem educadas, mas, algumas, estão indo para serem criadas. Não tem amadurecimento para receber a instrução formal que é o papel da escola.

Quando se discute quem deve dar a educação informal as crianças se é a escola ou se é a família, a escola diz ser a família a responsável e vice-versa e a educação informal acaba sendo compromisso de ninguém.

Na infância, a família oferece proteção à criança e através da convivência ela aprende os costumes e os padrões de comportamento de família. Ela depende de adultos e vive num mundo preparado por eles.

Mas a educação familiar vem sofrendo muitas dificuldades. Muitas vezes o pai ensina de um jeito e a mãe quer tudo diferente, deixando a criança numa situação complicada: a quem deverá seguir? Quando pais separados a situação é ainda pior. Hoje, há várias constituições familiares distintas: filhos, filhos postivos, pai, nova mulher do pai, mãe, novo marido da mãe, irmão, meio-irmão. E, às vezes, a criança mora com avós ou tios ou são frutos de produções independentes. Mesmo quando os pais vivem juntos, o que não dá garantias de uma boa educação, a velha divisão de papéis se mantém apesar das modificações da vida familiar: o pai trabalha fora e por isso não precisa participar da educação das crianças, que é responsabilidade da mãe, mesmo que ela também trabalhe fora.

Um dos principais fatores apontados pela falta de acompanhamento familiar é a falta de tempo e o cansaço dos pais que tem que trabalhar e não podem dar atenção aos problemas escolares dos filhos. Outro fator é que, às vezes, os pais não possuem conhecimentos necessários para auxiliar os filhos nas tarefas escolares. Os pais não ajudam seus filhos porque trabalham fora, dizem não ter tempo e acabam se acomodando dizendo que o problema não é seu e que a escola é que deve resolvê-lo. Com relação ao fato de os pais não se sentirem em condições de ajudar seus filhos, é importante que haja uma boa relação entre estes e os professores para perguntarem como poderiam ajudar seus filhos. PARO (2000, p. 49) observa que:

“Embora considere difícil que os pais, em sua maioria, até pela própria condição de semiletrados, sejam capazes de ensinar os conteúdos escolares ou de auxiliar eficazmente na solução dos problemas apresentados pelos alunos, a maioria dos professores enfatiza que todos os pais podem muito bem estimular seus filhos, verificando seus cadernos, reforçando-os a perceber a importância do aprender e a se sentir bem estudado.”

Para que o filho queira realmente aprender e estar na escola, é necessário que haja coerência entre a forma que os pais educam em casa e o que a escola irá desenvolver. É ideal que o trabalho da escola encontre ressonância no trabalho da família e vice-versa. O que não pode é pais que ficam ausentes o dia todo, esperar que a escola faça tudo com os filhos porque eles dizem não ter tempo. Portanto, é de fundamental importância que haja uma parceria família-escola.

Por isso, muitas vezes a escola torna-se um obstáculo, porque nem todos pertencem a uma família com recursos suficientes para uma vida digna. Apesar de todos os problemas, as crianças querem aprender, necessitam da escola

e muitas só através da escola é que terão condições de melhorar de vida. Porém, muitas vezes, a forma como o aluno é tratado na escola, faz com que desista, julgando-se incapaz.

Hoje, estamos vivendo uma crescente desestruturação familiar. A idéia de desestruturação familiar é mais forte quando se trata de crianças dos setores populares em que se vêem mais freqüentemente de lares de mães solteiras, pais separados, pais viciados, desempregados, etc.

O convívio com pais separados é uma realidade para um grande número de crianças. Uma grande parcela das mães vem lutando sozinhas para suprir as responsabilidades atribuídas a ela e ao pai, construindo um ambiente familiar muito positivo.

Levando-se em conta a família como estrutura básica e como primeira instituição a qual a criança faz parte pode-se perceber a importância que a escola deve dispensar a família de seus alunos, tendo em vista o sucesso no processo ensino – aprendizagem.

1.4.2 PSICOLÓGICOS

Um grande problema enfrentado hoje é que a maioria das crianças são criadas soltas, sem carinho, atenção e afeto, tendo que aprender a se virar sozinhas desde a mais tenra idade e isso faz com que a criança tenha uma baixa auto – estima e venha a não querer aprender, o que é uma maneira de chamar a atenção dos pais.

A criança ao ser alfabetizada necessita muito da atenção dos pais, incentivando os primeiros escritos e a leitura. É muito importante que os pais estejam presentes, que assistam o aprendizado e incentivem para que o filho continue aprendendo. Há pais que dizem dar de tudo aos filhos – viagens, roupas de boas marcas, melhores escolas, diversos cursos – mas na verdade não deram o essencial: carinho, atenção, amor, e para a criança, mesmo que ela não perceba, isso é muito importante. É isso que faz com que ela cresça saudável psicologicamente. Para GOMIDE (2004, p. 9):

“A família ainda é o lugar privilegiado para a promoção da educação infantil. Embora a escola, os clubes, os companheiros e a televisão exerçam grande influência na formação da criança, os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos essencialmente através do convívio familiar. Quando a família deixa de transmitir estes valores adequadamente, os demais veículos formativos ocupam seu papel. Nestes casos, a função educativa, que deveria ser apenas secundária, muitas vezes passa a ser a principal na formação dos valores da criança”.

Os filhos captam todas as imagens de seus pais. Se os pais os tratam com carinho e respeito, mas tem atitudes péssimas na frente delas: são intolerantes, agressivos, parciais, dissimulados. Assim, cria-se um abismo entre pais e filhos, muitos atritos e críticas e pouco afeto.

Antigamente uma família bem estruturada era garantia de que os filhos desenvolveriam uma personalidade saudável. Hoje, bons pais estão produzindo filhos ansiosos, alienados, autoritários, angustiados. Por exemplo: os pais ensinam os filhos a serem solidários e a consumir o necessário, mas o sistema ensina o individualismo e a consumir sem necessidade. Assim, cria-se uma confusão na cabeça das crianças.

Pode parecer estranho que nessa época de consumismo um carinho tenha mais valor para a criança do que um elogio sincero, o reconhecimento do esforço do que presentes, viagens, dinheiro, etc. A palavra, o olhar, o amor do pai e da mãe são as melhores recompensas. Se agirem dessa forma, os pais fortalecerão o ego de seus filhos, elevarão sua auto – estima e eles sentirão prazer em serem filhos queridos.

Os pais devem deixar os filhos conhecê-los, nutrir a personalidade deles, ensiná-los a pensar, prepará-los para as derrotas e dificuldades da vida e dialogar. Devendo dar liberdade para que possam falar de si mesmos, das suas inquietações e das dificuldades de relacionamento com as pessoas que os rodeiam. Os comportamentos inadequados dos filhos muitas vezes estão clamando pela presença, o carinho e a atenção dos pais. CURY (2003, p. 65) fala que:

“Os educadores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”.

Sempre que a criança fica em casa, por algumas horas do dia, com pais carinhosos, equilibrados e disponíveis, terá grandes ganhos emocionais. De nada adianta ficar com pais se eles não tem paciência, irritam-se o tempo todo,

exigem comportamentos que a criança ainda não tem. O que importa é a qualidade dos momentos de convivência que a criança tem.

Muitos pais evitam a separação por receio que os filhos sofram muito, que fiquem traumatizados ou sem rumo na vida. Mas muitas vezes os filhos sofrem muito mais convivendo com pais violentos, viciados, desequilibrados, do que vivendo somente com o pai ou a mãe sendo bem tratados, com carinho, atenção e afeto. Isso faz com que seu psicológico fique afetado causando vários problemas futuros como traumas e bloqueios. TIBA (2002, p. 205) enfatiza que:

“Não é possível evitar o sofrimento dos filhos com a separação. Mas há separações obrigatórias para que eles sejam preservados, caso das famílias muito desestruturadas, com pai (ou mãe) drogado, desequilibrado, violento, que grita e bate em todo mundo ou assedia sexual e moralmente os filhos. Nesse caso, a separação é solução. Traz alívio para todos”.

A escola exige de seus alunos desde os primeiros dias de aula, que se comportem de acordo com o sistema. As crianças chegam às escolas vindas de vários grupos sociais, não têm os mesmos padrões e características. Muitos fatores contribuem desde o nascimento para que as crianças mais pobres se desenvolvam de modo diferente daquelas que foram criadas em bairros mais ricos.

O aluno, mesmo inserido em um ambiente escolar, não deixa de lado suas características e seu conhecimento de mundo, que devem ser explorados em sala de aula. Os professores não devem tentar homogeneizar o ensino, pois cada um é um ser singular e, provavelmente, irão fracassar em sua atitude. As experiências que o aluno traz e sua história de vida são como sinalizadores do potencial desse aluno. O professor não deve fazer comparações de seus alunos, nem ressaltando os pontos positivos e nem os negativos, ou poderá causar traumas irreversíveis nos mesmos.

Todo o aluno traz uma carga de coisas boas e ruins da própria família: são bloqueios, medos, ansiedades e outros traumas que atrapalham o processo ensino – aprendizagem, porque geram inseguranças. É preciso que o professor conheça cada um de seus alunos para auxiliá-los. Alguns estão mais aptos para o aprendizado, demonstram interesse, participam; outros apresentam mais dificuldades, não querem conversar, ler, participar, mas nem por isso o professor deve deixá-los de lado. É preciso conhecê-los para ajudá-los.

O aluno precisa de afeto para se sentir valorizado. O professor é a referência, o modelo, é um exemplo a ser seguido, e, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será bastante para o aluno com problemas. São pequenos gestos que quebram barreiras e criam amizade entre ambos. Se o aluno não se sente querido pelos professores, ele torna-se agressivo e atrapalha a aula para que sua presença seja notada.

A saúde da família como instituição determinará o sucesso pessoal e moral de seus membros, pois os vínculos saudáveis e as relações estabelecidas em família contribuem para o desenvolvimento equilibrado de seus membros e conseqüentemente para a atuação deste membro na escola.

CAPÍTULO II – O DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS/EDUCANDOS

2.1 PROBLEMAS ACARRETADOS PELA AUSÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DOS FILHOS

Quando a família participa da educação das crianças, elas podem sair-se melhor na escola e na vida. A parceria família – escola ajuda a afastar as crianças das drogas e da violência e precisa ser permanente.

De acordo com NIDELCOFF (1994), verifica-se que o baixo rendimento escolar está inter – relacionado com a interação família – escola. A interação família – escola deve ser um processo harmônico e recíproco.

Com a revolução de costumes dos anos 50 vieram à tona questionamentos quanto a maneira de educar crianças. Aquela educação severa deu lugar à liberdade sexual e a flexibilização das regras na educação das crianças. Os pais passaram a conceder mais, não puniam mais fisicamente, quiseram se tornar amigos dos filhos através do diálogo.

Mas, essa nova maneira de educar trouxe conseqüências inesperadas. Os filhos ficaram desobedientes, não respeitando pais e professores, muitas vezes deixando de estudar, não querendo assumir compromissos profissionais, tornando-se rebeldes e alvo fácil das drogas. Conforme GOMIDE (2004, p. 11) nos coloca:

“É verdade que os métodos utilizados pela geração passada para educar eram mais rigorosos. É igualmente verdade que o diálogo é a melhor maneira de se resolver conflitos e também é preferível um pai amigo do que um pai distante e autoritário. No entanto, os pais

modernos, para conquistar este novo tipo de relacionamento, abriram mão, muitas vezes do seu papel de educadores. Deixaram de estabelecer regras, esqueceram que os pais são o modelo moral para seus filhos, passaram a usar a conversa de forma punitiva (horas de sermão e de ameaças) e não como uma forma de reflexão. Romperam com a punição e se tornaram permissivos”.

Os pais não estão mais sabendo como educar os filhos e querendo agradá-los e poupá-los não desenvolvem neles limites, disciplina e responsabilidade, exageram na falta ou excesso tanto de liberdade quanto de responsabilidade. Quando a criança vai para a escola esse tipo de comportamento é facilmente detectado. A família pode aceitar determinadas atitudes da criança por questão de convivência, mas a escola deve ajudar a corrigir estes comportamentos.

As famílias, em sua maioria, não estão preocupadas com o que o filho está aprendendo, em olhar o caderno, em incentivar para que obedeça o professor, que faça sua lições, elas estão mais preocupadas em que os filhos tenham onde ficar durante aquela horas. Principalmente as famílias dos alunos considerados problemáticos, esses não comparecem as reuniões e não incentivam os filhos.

Hoje, sofre-se com a grande indisciplina em sala de aula. A origem dessa indisciplina é familiar. Alguns pais deixam os filhos fazerem tudo o que querem, não exigindo o devido respeito e não ensinam respeitar aos outros. Daí o desrespeitos aos professores. Também pode ser que em casa ele jogue papel no chão, deixe o quarto bagunçado e a mãe se encarregue de organizar tudo. Na escola, ele precisará aprender a organizar sua coisas e a manter a escola limpa. Com certeza, o aluno irá rejeitar esse tipo de comportamento pois sempre fez o que quis e não vai ser fácil conscientizá-lo. Melhor seria se ele já tivesse uma base familiar bem definida e a escola só daria continuidade.

Mas a indisciplina possui várias causas, como: distúrbios pessoais e são comportamentos inadequados. É uma projeção dos problemas interiores sobre o outro. Quando a pessoa possui estes distúrbios pessoais sua reação está voltada a uma situação mal resolvida com alguma pessoa e na escola se comporta como uma criança indisciplinada.

Os problemas de relacionamento são mais difíceis de identificar, pois é difícil identificar num relacionamento quem iniciou a confusão. São chamados de problemas de relacionamento porque envolvem relações entre pessoas dependendo de determinadas atitudes para acontecerem ou não. Na escola, os problemas de

relacionamento estão mais propensos a ocorrer devido a convivência direta com outras pessoas com as quais, muitas vezes, não se deseja conviver. TIBA (2004, p. 149) fala que:

“Na escola, a criança recebe novos estímulos relacionais de forma muito mais intensa do que dentro de casa – local a que já está acostumada. Quanto menos integrada ou mais frágil psicologicamente estiver, mais problemas tenderá a encontrar na convivência escolar. Cada um dos colegas pode estimulá-la em pontos que ainda não foram desenvolvidos em casa”.

Os problemas de relacionamento pioram na escola quando as crianças são filhos únicos e não estão acostumados a dividir as atenções, a emprestar as coisas e a pedir emprestado. Eles tornam-se egoístas e não aceitam que a professora divida sua atenção com vários alunos. Sentindo-se rejeitados acabam por se negar a aprender.

A violência é perpetuada na criança pela própria família, sendo que essa violência será descarregada na escola e atrapalhará seu processo ensino-aprendizagem. De um lado, o filho faz tudo o que deseja, sem que a família lhe imponha regras e limites, ele acredita que suas atitudes são leis que todos devem obedecer. Se alguém o contrariar ele se tornará agressivo podendo partir para a violência. De outro lado, há pais violentos que ensinam seus filhos a serem violentos e a resolverem tudo através da violência.

A questão da auto-estima é bem delicada. Ela depende do amor dos pais e a falta dela pode levar a perda de limites e a auto desvalorização. A criança com baixa auto-estima não se sentirá capaz de aprender, tornando-se indisciplinada e faltando com o respeito as pessoas ou bens alheios.

Deve-se ter cuidado especial com a auto-estima das crianças, pois uma criança com baixa auto-estima tem maiores possibilidades de apresentar problemas como depressão, insucesso nos estudos e, mais tarde, na vida profissional. A auto-estima começa a se formar muito cedo e os pais são os maiores responsáveis pela formação desse conceito.

Segundo ROSSET (2003, p. 41) as crianças para terem auto-estima necessitam de algumas condições que lhe favoreçam:

“Uma delas é sentir-se fisicamente confortável. A criança aprende a partir de suas experiências e se ela não se sentir confortável terá a certeza de que não é alguém com bem estar e não terá disponibilidade para outras aprendizagens. Outra condição é ter

*continuidade no relacionamento. A criança necessita da convivência direta com as pessoas durante algum tempo para que perceba a existência das outras pessoas. Uma outra condição é **aprender a influenciar e prever as reações dos outros**. Tendo pessoas a sua volta a criança irá aprender o que de seus atos desencadeia quais comportamentos nas pessoas. E aprenderá o que fazer para desencadear o que deseja ou necessita dos outros”.*

Para a formação da auto-estima nas crianças é necessário respeitar sua dignidade, descobrir e ressaltar suas qualidades e o valor que cada criança possui, confiar nela não criar expectativas exageradas. O ideal é que se tenha equilíbrio para não deixar de incentivar as crianças a progredir, a ir adiante e a vencer suas próprias limitações. Conforme ZAGURY (2003, p. 59) nos coloca:

“Sempre que a criança tiver atitudes corretas, devemos ressaltar esse fato. É bem comum que os pais envolvidos nas atividades do dia-a-dia, com tantos problemas e a crônica falta de tempo, se esqueçam de elogiar, só lembrando de ralhar, quando os filhos fazem algo negativo”.

O nível de auto-estima dos pais também influencia na criação dos filhos. Pais com auto-estima elevada são conscientes de sua capacidade, amam a vida, expressam sentimentos e convicções, aceitam críticas construtivas e reconhecem suas falhas, fraquezas e falta de conhecimento. Tem grande capacidade de encaminhar os filhos. Pais com auto-estima média são muito dependentes da aprovação dos outros, sendo muito inseguros. Têm medo dos erros e falhas e raramente se sentem realizados na vida. Tem grande insegurança na criação dos filhos. Pais com auto-estima baixa se sentem desvalorizados e inúteis e são difíceis de agradar. São negligentes consigo mesmo e com os filhos.

A escola e a família são pontos referências para os alunos, sem o intercâmbio entre a família e a escola as possibilidades de aprendizagem ficariam limitadas. Para formar cidadãos a escola precisa estar atenta ao que ocorre no seu universo, na comunidade, no seio da família do seu alvo: o aluno.

Nota-se a necessidade da família e da escola em educar o aluno para a cidadania, isto inclui participar nas decisões dos grupos sociais, respeitar e ser respeitado, ouvir e ser ouvido, não mantendo as pessoas passivas, dependentes de quem sabe mais, desinformados de seus direitos e deveres.

2.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E O DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS

Durante muito tempo, família e escola viveram muito bem. Os pensamentos se harmonizavam e o que era determinado pela escola fossem tarefas, atribuições ou punições, era confirmado pela família. Dessa forma, crianças e jovens sentiam, nas figuras paternas e escolares que as cercavam e orientavam, coesão e homogeneidade. Esses dois poderes educacionais alicerçavam-se e alimentavam-se mutuamente.

De repente, observa-se que essa harmonia e confiança não existem mais. Os pais parecem estar supervisionando o que a escola faz e desconfiando de professores, diretores, equipe pedagógica. É como se tivessem perdido, repentinamente, a relação de confiança no trabalho da escola.

A escola, por sua vez, sente-se atemorizada, insegura. Esses pais acabam adotando duas posturas. A primeira de desconfiança: vivem indo a escola, questionando, reclamando, ameaçando, acreditando sempre que a escola errou, que não agiu adequadamente com seus filhos: ora o professor passou muito trabalho, ora não passou tarefas suficientes, ora marcou a prova quando não deveria, ora não corrigiu direito o trabalho solicitado. Em dado momento as regras da escola são rígidas e injustas; em outro, é a disciplina que deixa a desejar.

O segundo grupo de pais é aquele que depois de matricular os filhos, entrega à escola toda e qualquer responsabilidade relacionada à educação. De modo geral, estes pais são ausentes, não comparecem em reuniões quando convidados ou, quando chamados para uma conversa, nunca podem ir.

Escola e família zelam e perseguem o mesmo objetivo: a formação integral das novas gerações seja do ponto de vista cultural e do saber, seja do ponto de vista da formação pessoal, da ética, da cidadania.

Então, por que os pais perderam a confiança na escola? Por vários motivos. Um deles é que hoje os pais têm mais conhecimentos. A própria mídia, se encarregou de veicular tais conhecimentos. Isso faz com que os pais sejam mais questionadores, atentos e capazes de perceber falhas, contradições e enganos que, ocasionalmente, são cometidos por professores e outros profissionais da educação. Porém, estão embutidos nessas informações conceitos mal divulgados, mal explicitados e mal compreendidos. Portanto, as reclamações acabam por ser infundadas.

Outro fator que contribui para que os pais desconfiem do trabalho docente é a formação deficiente dos professores. O que é determinante para que os pais deixem de confiar na ação educacional da escola. Isso não significa que todo professor trabalhe mal. Em meio tanta dificuldade – má remuneração, carga horária excessiva, excesso de alunos numa mesma sala, falta de recursos, etc – encontram-se muitos professores que não abandonam a luta diária por motivar, ensinar, formar e mostrar a seus alunos o poder das idéias.

O trabalho desenvolvido por escola e família deve ser conjunto. A escola desenvolve um tipo de trabalho; a família outro. E elas se completam para o bem-estar e a formação integral das crianças. Nem uma nem outra pode suprir todas as necessidades se não for em conjunto, cada uma fazendo sua parte.

Desde o primeiro dia de aula que a criança chega com uma tarefa, por mais simples que seja, ela deve ser prestigiada, deve-se arrumar um espaço adequado para que as crianças façam as tarefas e determinar um horário para que a mesma seja feita. Além disso, deve-se demonstrar que se valoriza aquela tarefa e ser como um supervisor, não fazendo a tarefa pela criança, elogiando e tendo muita paciência.

Os professores deveriam realizar algum trabalho com pais e mães no sentido de orientá-los no tocante ao como incentivar e influenciar seus filhos a adquirir o hábito de estudar. Mas tem-se notado que os professores preferem criticar os pais a tentar buscar soluções junto deles. Percebe-se a importância de família e escola trabalharem em conjunto, mas é algo percebido só no discurso porque na prática nada está sendo feito para mudar esta situação. Muitos pais limitam sua participação a criticar o trabalho do professor ao invés de chegar junto à escola e procurar formas mais atuantes de participar, e os professores, quando criticados, preferem a distância a se comunicar e encontrar juntos a solução para os problemas.

Está havendo uma incompreensão tanto por parte dos pais quanto por parte dos professores. Os pais tem dificuldade de compreender o que a escola transmite e a escola não está tendo habilidade necessária para comunicar-se com os pais. As poucas oportunidades de conversar com os pais é nas reuniões, nas quais os professores não apresentam nada de novo, detendo-se em apontar para os pais as dificuldades dos filhos. Os professores parecem ter medo dos questionamentos dos pais e acabam evitando o diálogo aberto com os mesmos. Mas

o que deveria existir é esse diálogo e os professores deveriam falar numa linguagem em que os pais entendam. Conforme o trecho da fala de uma professora citada em PARO (2000, p. 71):

“O pai tava precisando se envolver mais. Agora tem um outro lado. Talvez a escola, ela, até agora, não chamou devidamente os pais pra ela, né. Então, tem esse outro lado, a gente ta precisando avançar, crescer nesse aspecto, né. Como é que a gente vai chamar um pai, né, e fazer com que ele seja amigo da gente, que a gente trabalhe junto, que a gente ta criticando o filho dela, não pra humilhar nem nada, mas pra levantar esses pontos negativos e a gente investir em coisas positivas. Eles ajudando a gente o trabalho fica melhor”.

Nas reuniões de pais, percebe-se que aqueles pais cujos filhos apresentam alguma dificuldade é que não estão presentes. Isso porque os pais não gostam de ouvir reclamações de seus filhos, por mais que seja para que ele possa ajudar seu filho superar a dificuldade ele prefere se omitir.

As famílias estão encarando a educação escolar dos filhos como um produto pronto a ser adquirido no mercado. E, assim, estão deixando de acompanhá-la que por faltas de tempo ou pela falta de preparo para tal acompanhamento. Os pais vêm na escola um lugar onde deixar os filhos para que recebam educação formal e informal.

Sabe-se que há necessidade de desenvolver algumas ações que venham contribuir para o envolvimento e participação dos pais mais ativamente na vida escolar, promovendo a participação dos pais através de vários procedimentos como reuniões.

Este assunto será tratado num capítulo posterior em que abordarei o tema mais profundamente, colocando, inclusive, outros procedimentos a serem tomados para promover a participação dos pais na vida escolar dos filhos.

CAPÍTULO III – ALTERNATIVAS PARA QUE O DIRETOR ESTABELEÇA UMA RELAÇÃO MAIS EFETIVA ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

3.1 – O NOVO PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR

Até recentemente, o papel do diretor escolar se resumia a situações burocráticas e a cumprir ordens de seus superiores, mas, hoje, o diretor tem que fazer muito mais. Ele tem que ser um administrador democrático, onde todos – funcionários, professores, pais, alunos e outros representantes da comunidade – são envolvidos no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões e nos padrões escolares que garantem a melhoria do processo pedagógico. Isso nos remete ao que se chama gestão participativa. Conforme LUCK (2001, p. 17) nos coloca:

“A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir em torno de questões que lhe são afetas.”

Os diretores devem acabar com essa visão de que pais devem ser chamados apenas para tratar de aspectos físicos e materiais da escola. Mas, é necessário a plena consciência de que para a mudança dessa cultura é necessário competência para tanto. As pessoas desejam participar mas não sabem como fazê-lo. Portanto, coloca-se a seguinte questão:

“Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício a participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e

de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania.” (LUCK, 2001, p. 18) :

Um gestor participativo tem como características de sua gestão o estímulo e a facilitação da participação dos pais, alunos, professores e demais funcionários nas decisões e execução das ações. Além disso, deve promover reuniões formais com todos para informar os objetivos da escola e refletir sobre os mesmos, desenvolvendo, assim, o perfil de sua escola.

Ao diretor de escola é conferido um amplo poder de gestor da comunidade estudantil. É um cargo de liderança, pois, sob sua responsabilidade atuam professores, alunos, coordenadores, orientadores, famílias, membros da comunidade que se relacionam com a escola. Sendo gestor ele deve atuar como um líder democrático fazendo com que as pessoas sob sua responsabilidade dêem o melhor de si, intervindo para que professores, alunos e famílias convivam num espaço harmonioso.

De acordo com PERRENOUD (2000), uma das dez novas competências para ensinar consiste em “informar e envolver os pais”. Como líder, o diretor deve saber ouvir, receber e seduzir. Quando a família procura a escola é porque algum problema está ocorrendo. Ou o filho está com notas baixas ou o professor fez algo que desagradou. E o diretor precisa saber ouvir essas e muitas outras reclamações. Isso faz parte do seu papel de líder, de gestor. Normalmente, só o fato de o diretor dar atenção, mostrar-se disposto em ouvir as reclamações e temores dos pais, reduz-se pela metade a tensão e aumenta-se a disposição de enfrentar os problemas.

Quando os pais percebem que o diretor é uma pessoa equilibrada, capaz de ouvir, de orientar, de reconhecer o erro e de reafirmar o acerto, os alunos serão ganhando. Às vezes, os pais podem ter razão, e é preciso ser humilde para aceitar críticas. Mas, por outro lado, é preciso ser paciente e persuasivo para que os pais percebam a importância da educação para seus filhos. Conforme CHALITA (2001, p. 184) afirma:

“Atender os pais com afeto é primordial; eles querem o melhor para os filhos, nem sempre pelos melhores métodos, mas estão convencidos de que sabem o que é melhor. Esses não aceitam determinados procedimentos da instituição e merecem toda a argumentação que embasou os métodos criticados. (...) O diretor também deve ser ético em relação a todas as entrevistas com os pais e guardar absoluta discrição sobre os assuntos

tratados em seus atendimentos; os problemas de interesse comum serão discutidos em reunião com todos os pais presentes.”

Para solucionar os problemas de comunicação com os pais o diretor deve envolvê-los em momentos de convivência na escola. Não se trata das reuniões chatas em que os pais tem que comparecer a noite, após um cansativo dia de trabalho, para assinar boletins. Trata-se de momentos culturais, de leitura na biblioteca, formar um coral onde pais e filhos estejam juntos, curso de computação para os pais, curso de violão para pais e filhos, etc. Não basta somente reclamar da ausência dos pais em reuniões, deve-se criar momentos mais instigantes para motivá-los a participar.

3.2 – ALTERNATIVAS PARA QUE A DIREÇÃO DA ESCOLA AUMENTE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS EDUCANDOS

A escola é um ambiente em que o processo de comunicação deve fluir em todos os níveis e atingir eficazmente todos os seguimentos envolvidos. Para que essa intercomunicação seja bem sucedida, é muito importante um planejamento estratégico, onde diretores, professores, funcionários, alunos e pais estejam envolvidos na tomada de decisões sobre a vida escolar. Afinal de contas, crianças e pais são os verdadeiros interessados no desenvolvimento da escola.

Deve-se partir do princípio de que a família gostaria de participar muito mais das atividades da escola. Só não o faz porque não tem tempo, não sabe como fazer, tem medo de ser intrometida ou, muitas vezes, não é convidada. Com esse princípio na cabeça, a equipe gestora pode estudar a situação das famílias de sua escola, por meio de amostragens ver como elas gastam seu tempo. Para promover uma participação efetiva a escola deve fazer uma avaliação da realidade: quem são os alunos e suas famílias, que necessidades e expectativas têm da escola? Ao começar com pequenas coisas e ir ampliando as possibilidades, com certeza em breve, os profissionais da educação terão um verdadeiro exército de colaboradores.

É necessário que se divulgue valores positivos com relação ao saber e ao estudo junto aos pais, para que estes trabalhem esses valores com seus filhos em casa. Mas para que isso aconteça deve haver uma eficiente comunicação entre escola e pais. O trabalho da escola deve ser o de explicar para os pais as formas de

estimular os filhos, numa linguagem que eles entendam. Trazê-los a participar de atividades dentro da escola também ajuda a estimular os filhos, pois os mesmos verão que seus pais estão interessados na escola.

Realizar na escola festas e atividades para atrair os pais, fazer reuniões de pais com pequenos grupos para uma espécie de formação de pais em que um vai trazendo o outro são formas de levar os pais a participarem da vida escolar dos filhos, porém, isso é um trabalho que deve partir da escola.

Quanto ao incentivo a educação escolar dos filhos, sabe-se que muitos pais não o fazem porque não sabem como fazê-lo. Cabe, então, a escola esclarecer os pais nesse sentido. As reuniões realizadas pela escola não devem somente tratar do rendimento dos educandos, deve haver momentos em que se trabalhe o como os pais incentivarem os filhos nos estudos. Os pais deveriam ter tempo para freqüentar as reuniões.

Uma constatação inegável é a importância do papel da direção escolar como promotora da participação dos usuários. Os objetivos a seguir apresentados foram elaborados por pais e professores de escolas municipais de Pinhais - PR, e servem de orientação para o trabalho da direção escolar na promoção da participação dos pais na vida da escola, estes foram elaborados mediante a orientação de LUCK (2006, p. 67 - 68):

- *“Garantir livre acesso da comunidade a escola, a partir da criação de espaços de atuação e participação.*
- *Promover melhor convívio entre escola e comunidade.*
- *Mobilizar a comunidade para participar de um movimento pela melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem dos seus alunos, conscientizando - a da importância efetiva de sua participação na escola.*
- *Promover a quebra de gelo na relação entre funcionários e comunidade.*
- *Promover a integração entre escolas, realizando atividades de intercambio como campeonatos e atividades diversas.*
- *Unir o grupo da terceira idade com as crianças para resgate de artesanato, histórias locais e experiências de vida, dentre outras atividades.*
- *Abrir a escola para a comunidade, tornando-a um centro de integração comunitária.*
- *Criar clube de mães para que participem de projetos como: trabalhos manuais, pintura, confecção de cestos de jornais, bordados, etc.*
- *Integrar as mães a escola através de atividades diversas.*

- *Promover atividades em que mães atuem junto com alunos em sala de aula, para esclarecer questões sobre drogas, sexualidade, saúde, etc.*
- *Ampliar a visão dos pais em geral quanto a importância da sua participação junto a escola.*
- *Mostrar aos pais a importância do órgão colegiado escolar como representante geral de toda a comunidade.*
- *Apresentar o Conselho para todos os outros pais em reuniões específicas.*
- *Conscientizar os pais da importância de estarem presentes na vida escolar de seu filho.*
- *Parabenizar os pais pelas realizações de seus filhos.*
- *Analisar com os pais o uso do uniforme, a sua importância e as condições que o seu uso oferece na educação de seus filhos.*
- *Realizar palestras sobre como educar os filhos e sobre o significado, a importância e os desdobramentos da educação.*
- *Envolver a participação dos pais na confecção de materiais para o apoio das atividades da escola.*
- *Manter os pais informados sobre o que acontece na escola.*
- *Divulgar para a comunidade, por meios diversos, as atividades da escola.*
- *Manter um informativo semestral a ser fornecido para os pais, informando e esclarecendo assuntos de interesses comuns com relação a escola e o rendimento escolar dos alunos.*
- *Divulgar na comunidade e para os pais, a qualidade do trabalho realizado na escola e seus resultados.*
- *Promover a realização de palestras pelos pais, para os alunos, para discutir valores, conhecer a história local e alargar seus horizontes.*
- *Convidar profissionais para realizarem palestras para alunos e pais sobre temas diversos.*
- *Promover concursos de histórias, contos e poesias para pais.*
- *Promover a realização de tardes de lazer.”*

Envolver a família e a comunidade no processo político-pedagógico escolar é um dos principais objetivos específicos para que a escola realize o objetivo por ela assumido em seu projeto pedagógico, tendo como base a formação de seus alunos para a cidadania. Conforme LUCK (2006, p. 87) nos afirma:

“Essa participação dos pais na vida da escola tem sido observada, em pesquisas internacionais, como um dos indicadores mais significativos na determinação da qualidade do ensino, isto é, aprendem mais os alunos cujos pais participam mais da vida da escola.”

Assim, toda e qualquer ação realizada pela escola necessita passar pelo crivo da comunidade, não no sentido de julgamento propriamente dito, mas no de participação responsável, só assim com a co-responsabilização da família em

suas atividades a escola estará realmente cumprindo seu papel social, formando o aluno para a atuação em sociedade.

3.2.1 - GRUPO DE FORMAÇÃO DE PAIS

É importante que os pais sejam chamados mensalmente para discutir temas diversos, ligados a educação dos filhos (adolescência, sexo, televisão, drogas, etc.) e não somente problemas da escola, pois esse tipo de assunto já é tratado nas reuniões do Conselho Escolar. Essas reuniões devem ser bem dinâmicas, trabalhando com expressão corporal, com música, para que se estabeleçam vínculos entre os pais presentes. E, aos poucos, vai se colocando as questões ligadas ao tema escolhido.

Os pais devem participar ativamente, perguntando, emitindo opiniões, ficando a vontade. As reuniões devem ser cuidadosamente planejadas, tendo uma organização de tempo das atividades, pauta pré- estabelecida, dinâmicas para relaxar e entrosar o grupo, podendo ter, também, ao final um lanche que será compartilhado por todos. Deve ser divulgada através dos alunos para que seus pais compareçam.

Na primeira reunião do grupo de formação de pais devem ser selecionados, pelos pais e mães presentes os temas ou tópicos a serem discutidos nas reuniões seguintes e o estabelecimento da prioridade de cada tópico. Os temas devem ser escolhidos previamente pelo diretor levando-se em conta assuntos de grande interesse dos pais para com seus filhos. O trabalho dos pais, nessa reunião, será estabelecer – sempre trabalhando em grupo – uma escala de prioridades entre os tópicos que serão discutidos nas próximas reuniões. Conforme PARO (2000, p. 116 e 117) nos coloca:

“O que se constata é que a iniciativa do grupo de formação de pais constitui maneira pouco usual de atrair os pais à escola para discutir com eles assuntos relacionados não apenas à vida da escola, mas também ao relacionamento com os estudantes em casa. O aspecto de maior interesse para potenciais reproduções da medida em outras escolas parece ser o caráter francamente dialógico das relações entre os profissionais da escola e o grupo de pais que comparecem as reuniões. Há uma atitude de completo respeito aos pais e mães por parte das educadoras que os recebem. Estas se utilizam de sua capacidade profissional para derrubar barreiras de constrangimento, de timidez e de insegurança, por meio de recursos de dinâmica de grupo que buscam a participação ativa das pessoas nas reuniões.”

Nestas, os pais acabam por sentir-se a vontade e conversam livremente, apresentando seus problemas e apreensões, mas também seus êxitos e alegrias, perguntando, sugerindo, debatendo, contestando, propondo soluções, enfim, exercitando sua condição de sujeito. Como essa situação é coerente com a postura da direção em todos os assuntos da escola, os pais passam a ver com maior simpatia uma gestão escolar voltada para a satisfação do usuário, valorizando o trabalho escolar e interessando-se mais pelo andamento da educação escolar de seus filhos.”

A preocupação com a ausência dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos deve estar sempre presente para a direção da escola. A escola deve proporcionar momentos de lazer para os pais, pois o pai que vem pro lazer, vem com outra disposição quando é chamado a comparecer na escola. Os pais precisam sentir que a escola é deles, é da comunidade.

3.2.2 – ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES (APM)

São sócios natos da APM os pais de alunos, os estudantes maiores de dezoito anos e o pessoal escolar, podendo ainda ser admitidos outros sócios entre os membros da comunidade, a critério do conselho deliberativo. A APM é administrada pelos seguintes órgãos: assembléia geral, constituída pela totalidade dos associados, presidida pelo diretor da escola e reunindo-se pelo menos uma vez por semestre; conselho deliberativo, composto por pelo menos onze membros; diretoria executiva, composta por nove membros e da qual não pode fazer parte o diretor da escola, embora possa participar das reuniões com direito a voz, mas não a voto; e conselho fiscal, composto por três membros, num total, de pelo menos vinte e três membros.

A APM é uma instituição auxiliar da escola que tem por finalidade colaborar no aprimoramento do processo educacional, na assistência ao escolar e na integração família – escola - comunidade, isso segundo o Artigo 2º do Estatuto Padrão das APMs, estabelecido pelo Decreto 12983/78. De acordo com DOURADO (2001, p. 89):

“As associações de pais e mestres (APMs) tem por finalidade colaborar com a qualidade educacional almejada pelas comunidades escolar e local, com o encaminhamento de ações que integrem os anseios das famílias e com a função, os objetivos e as metas da escola. Compete as APMs estabelecer e dinamizar canais de participação da comunidade no planejamento, no processo de

tomada de decisão, no desenvolvimento das atividades e nas ações da escola.”

A APM está diretamente ligada à questão do dinheiro na escola, pois sua necessidade se impõe como única forma de receber e aplicar os recursos do FDE (Fundação Para o Desenvolvimento da Educação) ou para movimentar dinheiro resultante de festas, bingos e contribuições dos pais e da comunidade. Portanto, é necessário reunir os seus membros para decidirem o que fazer com o dinheiro e para que o diretor executivo assine os cheques. Mas, a APM não deixa de ser uma forma de os pais participarem, pois através da participação eles ficam sabendo dos recursos que chegam na escola e como eles serão gastos.

O diretor escolar poderia levar a APM a um tipo de participação onde pais e professores ajudassem a organizar a escola, discutindo seus problemas e encontrando possíveis soluções.

3.2.3 – O CONSELHO ESCOLAR (CE)

O conselho escolar é eleito anualmente durante o primeiro mês letivo, presidido pelo diretor da escola, terá entre vinte e quarenta componentes, fixado proporcionalmente ao número de classes do estabelecimento de ensino. Sua composição se dará na seguinte forma: quarenta por cento de docentes, dez por cento de profissionais de suporte pedagógico exceto o diretor, dez por cento dos demais profissionais, vinte por cento de pais de alunos e vinte por cento de alunos escolhidos mediante processo eletivo.

As reuniões do CE devem ser feitas em horários compatíveis para que pais e alunos possam participar. O CE deve ser visto como um espaço para discussão e oportunidade de se posicionar contra ou a favor de determinada decisão. Os membros do CE devem convocar reuniões com os que não fazem parte para repasse das decisões que foram ali tomadas.

As pautas das reuniões do CE devem ser distribuídas com antecedência, para que seus membros saibam o que vai ser tratado e possam ir formulando seus questionamentos e opiniões. Mas os assuntos da pauta não devem ser os únicos tratados nas reuniões, os outros participantes devem ser consultados a respeito de outros assuntos a serem examinados.

De acordo com LUCK (2006, p. 74 e 75), as ações para operacionalização do conselho escolar são:

- 1- *“Realizar reuniões em horários mais adequados para a participação de todos.*
- 2- *Entregar o estatuto escolar para cada membro do conselho, para que tomem conhecimento de como funciona uma escola.*
- 3- *Planejar as atividades de cada semestre, traçando objetivos e metas, visando melhores resultados.*
- 4- *Realizar encontros com a comunidade escolar para buscar soluções para os problemas encontrados.*
- 5- *Promover a campanha de arrecadação de jornais, papéis, bolas, etc., que serão vendidos a fim de reverter em benfeitorias para a escola.*
- 6- *Fazer pesquisas com os pais através de um questionário com a finalidade de encontrar sugestões para a melhoria da escola.*
- 7- *Realizar trocas de informações entre os vários conselhos escolares para conhecer diferentes experiências.*
- 8- *Realizar reuniões mais freqüentes do conselho e em caráter sistemático.*
- 9- *Realizar campanhas de conservação do meio ambiente com a arrecadação de materiais recicláveis”.*

Deve-se procurar fazer com que os membros do órgão colegiado sejam apenas o ponto de partida, para que todos os pais se envolvam com os trabalhos da escola, cabendo aos primeiros buscar os meios que venham a promover esse desenvolvimento. Sua intenção está ligada na maior participação dos pais na vida escolar, para que a escola esteja integrada na comunidade e vice-versa, constituindo-se na base para a maior qualidade do ensino.

3.2.4 – REUNIÃO DE PAIS

Nas reuniões de pais, o que se observa é que não há discussão de questões, mas a simples apresentação aos pais da avaliação e dos problemas de seus filhos. Quase sempre se começa com uma rápida explanação de avisos gerais por parte do diretor. Em seguida, passa-se a um atendimento individual, onde o pai assina o boletim e vai embora.

Esse tipo de reunião, na medida em que fosse melhor organizada e realizada com objetivos e procedimentos definidos, possibilitando aos pais que tomem conhecimento de como está seu filho na escola, de como ele pode colaborar para que haja uma melhora e opinar sobre o processo, se transformariam em um

verdadeiro mecanismo de participação dos pais na escola. Conforme PARO (2000, p.198) nos afirma:

“Não há dúvida de que uma reunião entre professores e pais poderia constituir um mecanismo relevante de participação da população da escola, na medida em que ela fosse organizada e realizada com objetivos e procedimentos definidos de modo a possibilitar ao pai, mãe ou responsável, tomar conhecimento da vida do aluno na escola, solicitar providências, colaborar com o trabalho escolar, enfim, inteirar-se do processo e opinar sobre seu desenvolvimento. Entretanto, a impressão propiciada pela investigação é de que tais reuniões se restringem a uma finalidade de mera apresentação da avaliação dos alunos e sobretudo a ênfase ao mau aproveitamento dos mesmos e na culpa deles ou de seus pais por seus problemas de aprendizagem.”

As reuniões devem ter horários especiais, pois a maioria dos pais e mães trabalha fora sendo um forte determinante a falta de tempo e o cansaço após um longo dia de trabalho para a não participação às reuniões. Portanto, as reuniões devem ser marcadas em horários compatíveis com o dos pais ou marcar mais de uma reunião com o mesmo objetivo, mas em horários alternativos, por isso é necessário que se faça um levantamento dos possíveis horários dos pais.

PENIN (2001), sugere que sejam realizadas reuniões para: Informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos; informar os pais e responsáveis sobre a execução da proposta pedagógica da escola; comemorar datas especiais (dia das mães, festa junina, natal, etc.); trocas de experiências ou atividades de lazer entre a escola e a comunidade; reuniões do Conselho Escolar; uso do espaço escolar para reuniões da própria comunidade.

Mesmo que os pais demonstrem interesse em participar das reuniões, é importante que as mesmas sejam agradáveis e que a direção escolar os receba de forma simpática e amigável. Os pais devem ter voz e voto e suas opiniões e sugestões devem ser aceitas sem preconceitos. Os pais devem ser recebidos *“como se fossem visitas em sua própria casa”*. (PARO, 2000:109). Para o sucesso de uma reunião, é necessário que ela seja planejada com antecedência. Para tanto, DOURADO (2001:78), sugere que sejam tomados alguns cuidados:

- 1 – *“Definir claramente (e com antecedência) os objetivos da reunião.*
- 2 – *Definir tempo de duração, hora de início e término, local de realização.*
- 3– *Divulgar a pauta com antecedência.*

4 – Estabelecer um tempo de intervenção máximo para cada participante.

5 – Informar, com antecedência, a todos os interessados a data, a hora, e o lugar da reunião.

6 – Distribuir no início da reunião a síntese ou ata da reunião anterior e submetê-la a aprovação da assembleia, fazer mudanças se necessário ou aprová-la no início da reunião.

7 – Submeter, no início das atividades, a pauta da reunião para avaliação e acatamento de sugestões.

8 – Designar um secretário para: a) tomar nota das intervenções e, elaborar a ata, controlar a agenda e o tempo; b) ler a ata da reunião anterior, submetê-la a apreciação, aceitar sugestões de mudanças, efetuá-las e colher assinaturas.

9 – Abster-se de manifestar posições quando ocupando o lugar de coordenação ou presidência das atividades”.

3.2.5 – ESCOLA ABERTA À COMUNIDADE

Uma das formas de se desenvolver as relações entre a escola e a comunidade é abrir o espaço escolar para que seja utilizado pelos usuários em períodos em que não hajam aulas, ou seja, fins de semana, feriados e férias escolares.

“Segundo Rita, ao contrário de “antigamente”, hoje são poucas as festas de rua ou atividades que reúnam os moradores. O Sr. Roberto, pai de aluno, acha que a escola aberta no fim de semana poderia significar mais um lugar onde se pudesse levar os filhos com segurança, já que hoje os pais não tem onde ir com os filhos, pois, se levam a um parque ou outro local público, “ já encontra marmanjos, bêbados, e isso não é bom”.(DIÁRIO OFICIAL, 2005, p. 02)

Portanto, há necessidade de uma organização que pressuponha a obediência a regras claras a respeito das obrigações e responsabilidades tanto da escola quanto daqueles que a utilizam. Deve-se assinar um termo de responsabilidade e o que for estragado será consertado por eles.

A escola pode ser usada pela comunidade, de acordo com a abordagem dos autores, da seguinte forma:

- Centro esportivo – pode ser usado pelos comerciantes, alunos e ex-alunos.
- Refeitório – pode ser cedido para realização de almoços beneficentes e festinhas de aniversário.
- Sala de vídeo – pode ser emprestada para palestras.

Com isso, a comunidade sente que a escola é, dela e passa a valorizá-la e cuidá-la.

CONCLUSÕES

Com base no trabalho apresentado concluímos que a participação da família tem sido uma preocupação constante dos professores, gestores, coordenadores e órgãos direta ou indiretamente ligados à educação. Em razão disto, verificamos a necessidade de apresentar à comunidade projetos e propostas com a finalidade de despertar o envolvimento dos pais na vida escolar de seus filhos.

Deste modo, é indispensável que os profissionais desta área evitem fazer considerações infundadas a respeito do aparente desinteresse dos familiares em relação aos filhos e à escola. Ao mesmo tempo, é necessário considerar esse aspecto na decisão quanto as estratégias de trabalho com os pais, uma vez que uma boa relação entre escola e comunidade familiar é fundamental para significativas e positivas alterações no processo ensino-aprendizagem e na construção da identidade do educando e de sua formação social, política e cultural.

Na fundamentação deste trabalho foi comprovado que a participação da família na escola é um aspecto essencial para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Podemos perceber com este estudo que atualmente as escolas e os educadores têm uma grande preocupação com esta questão, tendo em vista o reconhecimento cada vez maior por parte da sociedade como um todo da necessidade de despertar e resgatar o envolvimento dos pais na vida escolar de seus filhos.

Diante desta constatação fica evidente a importância da escola desenvolver projetos que tragam os pais para dentro da mesma, sem fazer julgamentos referentes ao suposto desinteresse dos pais com relação aos filhos e simultaneamente levar em consideração esse aspecto na decisão quanto às estratégias de trabalho com pais, a escola estará promovendo de forma natural sua interação com a comunidade, para que isso ocorra é fundamental a construção de uma educação voltada a essa interação.

Sabe-se, que de modo geral os pais participam da vida escolar de seus filhos, no entanto esta participação ainda não é satisfatória, devido a fatores como: desestruturação familiar; o nível de renda dos pais; o grau de instrução dos pais; horário de trabalho incompatível com o da escola.

Portanto, pode-se concluir que escola e família não terão sucesso se não aprenderem a se auxiliar mutuamente, integrando a realidade escolar e o cotidiano familiar do educando, pois este contato favorece e contribui para a evolução do aluno fazendo com que este se motive a participar das atividades propostas e colabore com as metas educacionais de sua escola.

Os educadores terão suas ações facilitadas caso exista um canal de comunicação com a família dos educandos. Assim sendo, compatibilizam-se as propostas educacionais com a realidade de cada educando, à medida que o educador tem acesso a informações que só a família do educando poderia fornecer, bem como a prática de atividades extracurriculares possibilitará uma vasta troca de saberes. Além disso, estará se ensinando ao educando como ser alguém produtivo dentro da sociedade em que vive e desenvolvendo seu senso crítico.

De acordo com o referencial teórico levantado neste trabalho indica-se que a família é indispensável na construção do conhecimento do educando. Ela é a base fundamental que contribui de forma decisiva na evolução do aluno, fazendo com que ele seja motivado a participar das atividades propostas pela escola e possa colaborar positivamente com as metas educacionais do seu ambiente escolar.

Observamos ainda, que com o passar do tempo a família foi mudando suas características, conforme a evolução, dando mais liberdade aos filhos. Entretanto, como primeira educadora e formadora de valores, a família tem de continuar exercendo o seu papel, em qualquer contingência em que esteja inserida;

se não assumir sua função vai perdendo sua identidade formadora, conseqüentemente, a integridade moral e o equilíbrio afetivo das futuras gerações.

A família é fundamental na aprendizagem, pois as primeiras experiências educacionais da criança, geralmente são proporcionadas por elas, podendo estimular o processo de aprendizagem. Filhos de classe média recebem esse estímulo desde cedo, porém para os de famílias pobres, a escola é algo estranho; mesmo assim, quando influenciados podemos constatar que não é um determinante para se sair bem nos estudos. Verdadeiramente determinantes são as ações dos próprios pais.

A aprendizagem não é algo isolado, mas uma conquista diária, decorrente do processo, construída a partir das influencias da família, da escola, do grupo social e do meio ambiente. E é principalmente através da experiência, do conhecimento disponível e da participação de todos que seremos capazes de formar pessoas capazes de exercer sua própria cidadania.

Evidencia-se a grande responsabilidade da escola em caso de omissão ou incoerência da família. Nesses casos, é ela quem poderá suprir a defasagem e trabalhar as distorções, já que sua função própria é de ordem política.

A participação requer o desenvolvimento e a adoção de um programa de atividades tais como: realizar projetos onde cada membro exerça uma função, valorizando a capacidade de cada um, fazendo trabalhos em equipe, aprendendo e contribuindo para a melhoria da escola, procurando trazer as diversidades culturais e estimulá-los a participar como voluntários em eventos promovidos entre escola e comunidade, expondo suas criações como: contar histórias, apresentar teatros, dramatizações, danças, músicas, bingos com fins lucrativos, com artesanatos e culinárias confeccionados pela comunidade escolar, gincanas e atividades recreativas. É aí que entra o importante papel da direção como promotora da participação de seus usuários e também como grande autoridade que é tida um (a) diretor (a) no ensino público, no sentido de estabelecer formas de interação família-escola que venham a favorecer o processo ensino-aprendizagem.

Porém, os pais não podem somente ouvir, eles devem falar, participar ativamente dos rumos tomados quanto à educação de seus filhos, integrar ações

coletivas que englobem pais, mestres, estudantes e a comunidade, planejando, discutindo, decidindo e agindo em prol da educação das crianças.

Por essas e outras razões é necessário que se estabeleçam a união entre os grupos envolvidos, pois desta forma estaremos contribuindo para a efetiva integração entre família/escola/sociedade.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 40. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Rideel, 2004. (Série Compacta).

_____. **LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9394/96.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 7. ed. São Paulo: Gente, 2001.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIÁRIO OFICIAL. Estado da Bahia, município de Barreiras. Ano, 01, nº. 91, 2005. Disponível em :<http://www.barreiras.ba.gov.br>. Acesso em: 20 mar. 2008.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Progestão: como promover, articular e envolver a ação das pessoas no processo de gestão escolar? Modulo II**. Brasília: CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.

GOMIDE, Paulo Inez Cunha. **Pais presentes, pais ausente: regras e limites**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LUCK, Heloísa [et all]. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis: Vozes, 2006. (Série: Cadernos de Gestão).

_____. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. (Série: Cadernos de Gestão).

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Xamã, 2000.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PENIN, Sonia Terezinha de Sousa. **Progestão: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade?** Modulo I. Brasília: CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PILETTI, Nelson. **Filosofia e história da educação**. São Paulo: Ática, 1997.

ROSSET, Solange Maria. **Pais e Filhos: uma relação delicada**. Paraná: Editora Sol, 2003.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 6. ed. ver. (conforme NBR 14724:2002). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TIBA, IÇAMI. **Disciplina, limite na medida certa**. 63. ed. ver. e atualizada. São Paulo: Gente, 2004.

_____. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 15. ed. São Paulo: Gente, 1998.

_____. **Quem ama, educa!** 116. ed. São Paulo: Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Limites sem trauma**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Os direitos dos pais: construindo cidadãos em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Record, 2004.